


# EXPERIÊNCIA DAS RUÍNAS OU: EM BUSCA DOS MISTÉRIOS NAS RUAS DE SALVADOR



OSNILDO ADÃO WAN-DALL JUNIOR

*Arquiteto urbanista, doutorando PPG  
Arquitetura e Urbanismo/UFBA e  
membro do Laboratório Urbano*

139

*À noite o silêncio povoa a Cidade Baixa. Ela dorme no cais, as casas comerciais fechadas, bancos sem movimento, nos casarões e nos saveiros de velas arriadas. A Cidade Alta movimenta-se para os cinemas, para as festas, para as visitas. Os elevadores e planos inclinados a estas horas quase não têm freguesia.*

*As duas cidades se completam, no entanto, e seria difícil explicar de qual das duas provém o mistério que envolve a Bahia. Porque o viajante o sente tanto na Cidade Baixa como na Alta, pela manhã ou pela noite, no silêncio do cais ou nos ruídos da multidão na baixa dos Sapateiros. Impossível explicar o mistério dessa cidade.*

*Jorge Amado, (2012).*

Este texto está dividido em quatro tópicos que sintetizam nossa experiência nos Trabalhos de Campo (TCs) da pesquisa do Programa de Apoio a Núcleos Emergentes (PRONEM).<sup>1</sup> Além de dar uma ideia geral da nossa participação na atividade,<sup>2</sup> esses tópicos terão configurado uma montagem/colagem possível da experiência dentro do “jogo de escrita” para o qual fomos convidados a participar nesta edição da *Redobra*. Ao apresentar a metodologia de apreensão de cidade adotada, resgatamos, contudo, excertos de alguns ensaios narrativos desenvolvidos durante o trabalho. São registros e memórias que validam não apenas a sua publicação, mas uma reconfiguração possível no próprio processo aberto de suas montagens/colagens.

### DUAS IMAGENS, UM CENÁRIO

Provocados com a questão inicial de grupo: “Quais seriam as possibilidades de constituição da esfera pública da vida urbana?”, nossa proposição de estudos críticos à espetacularização urbana junto aos TCs foi pelo desvio, considerando as processualidades inventivas do cotidiano.<sup>3</sup> Desvio da lógica hegemônica, homogênea e consensual de produção da cidade pela experiência corpoimplicada a que nos propúnhamos, especialmente através do encontro com o Outro urbano, ou seja, da própria experiência da alteridade. Dentre os lugares de Salvador cujo protagonista fosse o espetáculo legitimado pela especulação imobiliária, detivemo-nos, ainda enquanto grupo, no Centro da cidade (ou, na denominação oficial atual, Centro Antigo de Salvador – CAS). No entanto, nosso interesse particular estava já de antemão nos interstícios, meandros e brechas da área onde se localiza o frontispício que compõe uma das principais fachadas da cidade, responsável por configurar os limites e limiares entre a Cidade Baixa e a Cidade Alta, junto à Baía de Todos-os-Santos. Essa “zona intermediária”, onde resistem em sua própria sobrevivência um sem fim de casarios arruinados, traduziria a situação de abandono em que (sobre)vive não apenas arquiteturas, mas também parte da população de Salvador. Espaços e tempos como estes, inseridos no debate da situação de marginalização e margem urbana que tem nos acompanhado no âmbito dos estudos da compreensão da cidade contemporânea, têm no seu permanente “estado de ruína” (WAN-DALL JUNIOR, 2013) uma experiência urbana estética, mas, sobretudo, política que nos impulso-

**RUÍNAS E ESPETÁCULO I - Vistas da Cidade Baixa a partir da Praça Tomé de Sousa (Praça Municipal), na Cidade Alta – Centro Antigo de Salvador, 2011.**





141



nava também para os trabalhos de campo. Delineava-se, justamente aí, nossa questão particular dentro dos TCs.

Como protocolo metodológico desta experiência, nos propusemos a apreender as ruínas do Centro da cidade através de (micro) narrativas urbanas.<sup>4</sup> Nas várias caminhadas realizadas pelo Centro, tanto em grupo quanto individualmente, os percursos apontavam – e de fato permeavam – algumas das muitas ladeiras da região (como a Ladeira da Preguiça, a Ladeira da Conceição da Praia e a Ladeira da Montanha), mas também largos (como o Largo 2 de Julho e o Campo da Pólvora) e áreas de comércio bastante intenso (Avenida J. J. Seabra e Barroquinha). Considerando este contexto, visávamos, enquanto grupo, desenvolver uma “pequena cartografia do espetáculo em Salvador” que tivesse, durante todo o processo de trabalho, relação direta com nossa pesquisa de Mestrado Acadêmico, então em andamento.<sup>5</sup>

## SOBRE AS RUÍNAS

Parte do cotidiano das grandes cidades, as ruínas urbanas – entendidas pela indissociação entre arquiteturas e alteridades – estão presentes em muitos tempos e espaços como resultado do processo ininterrupto de modernização e consequente degradação que tem atravessado as cidades, sobretudo, nos dois últimos séculos. Exatamente pelo esvaziamento e pela obsolescência dos centros urbanos antigos consolidados, as ruínas traduzem-se, no entanto, em certa potência de vida, especialmente quando relacionadas à resistência aos processos luminosos (SANTOS, 2008; DIDI-HUBERMAN, 2011) de produção da cidade. O que há, então, é o que podemos chamar de “sobrevivência das ruínas”, acontecimento que permite que esse tipo de experiência seja transmitida e transformada num *continuum* ele mesmo sobrevivente, pois, de certo modo, as ruínas sobrevivem nos ecos da história como um desvio à espetacularização urbana, justamente porque resistem em sua própria sobrevivência. No livro *Sobrevivência dos vaga-lumes*, o filósofo Georges Didi-Huberman (2011) escreve que a experiência da destruição da Segunda Grande Guerra – que interpretamos livremente como a “experiência das ruínas” (WAN-DALL JUNIOR, 2013) – seria a própria “potência” da experiência. Trata-se do que seria a potência de sobrevivência dos vaga-lumes, ou seja, de uma alteridade sobrevivente.

## EM BUSCA DOS MISTÉRIOS NAS RUAS DE SALVADOR

No exato momento em que iniciávamos os TCs, delineávamos o objeto de estudo de nossa pesquisa de Mestrado:<sup>6</sup> *Bahia de Todos os Santos*, livro de Jorge Ama-

do publicado originalmente em 1945 e atualizado (pelo menos) seis vezes até o ano de 1986. Foi esta narrativa urbana literária, que narra a experiência da então cidade da Bahia do escritor baiano, que nos deu a pista para a nossa proposta de trabalho em campo: buscar os “mistérios” nas ruas de Salvador. Nesse sentido, a questão das ruínas teria, a priori, relação direta com o que passaríamos a chamar de “produção subjetiva de cidade” (WAN-DALL JUNIOR, 2013), especialmente através da produção e da reprodução da literatura de Jorge Amado,<sup>7</sup> exemplificado, sobretudo, no Pelourinho, cenário-alvo do turismo espetacular na cidade. Se, por um lado, nossa proposta de trabalho estaria na “busca dos mistérios nas ruas de Salvador”, nosso protocolo metodológico passava pela produção empírica de (micro) narrativas cartográficas urbanas: pequenos textos, poesias e/ou fotografias que se constituíssem em um caderno de campo.

Pretendíamos aproximarmo-nos do fazer cartográfico sensível: uma cartografia sentimental (ROLNIK, 2011) construída por um território existencial de forças; linhas de vida que atravessassem como desvio o cotidiano espetacular de Salvador. Mas de que maneira seria possível construir uma cartografia sensível (ou seria uma etnografia?) de ruas e “mistérios” hoje? Desse modo, o Guia *Bahia de Todos-os-Santos* poderia nos dar um método quando encontrados, em nossas caminhadas pela cidade, lugares/ruas onde os “mistérios” da cidade pudessem ser apreendidos relativamente às ruínas como margem do espetáculo urbano contemporâneo. Como um *post-scriptum*, acreditávamos, ainda, que estaríamos acompanhados por Exu, “orixá do movimento” no candomblé que guardaria não somente os caminhos (AMADO, 2012, p. 21), mas também os “mistérios” e as chaves dessa Bahia de Todos os Santos.

143

## SOBRE AS BUSCAS

Como parte do nosso protocolo metodológico, tínhamos um cronograma: quinzenalmente, relataríamos nos encontros de grupo as nossas idas a campo, apresentando algumas das narrativas (etnográficas?) dos percursos. Nos sete meses de buscas, anotamos alguns diálogos que presenciamos e/ou de que participamos, transcrevemos palavras escritas na cidade e fizemos alguns registros fotográficos. Posteriormente, juntamos a tudo isto alguns pensamentos e trechos do próprio Guia para compor, agora com todo o grupo, uma grande narrativa-constelação dos TCs para apresentação em um seminário internacional de grupos de pesquisa, realizado em Paris no início de 2013.<sup>8</sup> Por ora, gostaríamos de registrar parte de uma de nossas buscas: um diálogo que aconteceu entre o eu-narrador-buscador-de-ruínas, uma garota e um par de crianças dentro de um



144





bar no Largo 2 de Julho, aproximadamente às 15h07 do dia 26 de novembro de 2012; bem como o percurso que nos levou a este encontro:

*2h41 arbitrados, mas quase precisos.*

*Desceria mais à frente. Para ir à Barroquinha. Desviantes. Palavras na cidade, encontrei algumas. Anúncios e ofertas. Comprei coisas desviantes. Desviei no desejo – procuro o desejo? Desviei para a esquerda na Carlos Gomes, para o 2 de Julho. Lembrei que devo procurar as ruínas. Estariam as minhas ruínas na palavra ou no texto?*


*Cruzo a Carlos Gomes (d)escrevendo. Venta duas vezes mais rápido que minha escrita meio bamba da caderneta. Encontro a esquina do arco-íris e a fotografia: “Sou fruto do amor de Deus”. [...]*

*Achei que uma cervia fazia parte. (Só que esqueci de oferecer a Exu.)*

*[No bar, chega do meu lado um par de crianças.] O letreiro sobre o balcão dizia: “Bebidas, lanches.” Havia uma coisa que não estava no cardápio: algo que A. serviu. Alguma coisa “de boi”, que uma garotinha pediu: custa 6 reais. A moça ao lado perguntou se tudo o que eu faço, eu escrevo aqui. Nem sempre. A caminhada de hoje sim. O prato era 7. Hesitei, talvez achasse demais. Mas disse que sim e a garotinha comerá o seu ensopado de boi. Duas pequenas ruínas, estes pequenos garotos, anoitecendo seus corpos no 2 de Julho?!*

145

As buscas pelos “mistérios” nas ruas de Salvador foram interrompidas. Não há conclusões, se não o registro de um processo que se refletiu em

nossa pesquisa individual, impulsionando-a de modo visceral, e de onde indeferimos que a alteridade sobrevivente encontrada em campo estaria diretamente relacionada ao que vimos chamando, já a algum tempo, de estado de espírito “noite” (WAN-DALL JUNIOR, 2010; 2013): uma noite entendida não apenas como cronologia, mas como um tempo de todos os tempos, inclusive atemporal. Temos para nós que os vaga-lumes da experiência das ruínas só existem porque existe sua própria noite, um coexistindo na exceção do outro, pois ambos – noite e alteridade – são muitas vezes “esquecidos” pelos planos e planejamentos urbanos mais tradicionais. Acreditamos, por fim, que a potência resistente desta mesma noite torna a alteridade tão vaga-lume quanto notívaga em meio às ruínas da cidade. Mas isso é assunto para uma outra conversa... 

**RUÍNAS E ESPETÁCULO II** - Detalhe de fachada de casarão na Rua do Areal de Cima, próximo ao Largo 2 de Julho; e Fonte das Pedras, com a construção da futura Itaipava Arena Fonte Nova ao fundo, respectivamente - Centro Antigo de Salvador, 2012.



<sup>1</sup> Atividade desenvolvida no âmbito da pesquisa coletiva trienal e multidisciplinar “Laboratório Urbano: Experiências metodológicas para a compreensão da complexidade da cidade contemporânea” (PRONEM – Programa de Apoio a Núcleos Emergentes – Edital FAPESB/CNPq 028/2010 – processo: 342/2011), coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paola Berenstein Jacques, e da qual participamos desde nosso ingresso no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA) e no Grupo de pesquisa Laboratório Urbano. Para maiores informações sobre a referida pesquisa, cf.: <<http://www.laboratoriourbano.ufba.br/pronem>> .

<sup>2</sup> Desde o primeiro encontro, ocorrido no dia 31 de julho de 2012 nas dependências do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA) até a apresentação de alguns resultados prévios no Seminário “Apprehender la transformation de la ville”, que aconteceu entre os dias 5 e 8 de fevereiro de 2013 em Paris (França).

<sup>3</sup> Nossa bibliografia de referência teria sido, principalmente: Certeau, (2012); Deleuze e Guattari, (1995); (Deleuze e Guattari(1997).

<sup>4</sup> Podemos compreender a produção sensível da cidade como “uma busca por outras formas de se compar-

tilhar experiências ao abrir outras possibilidades narrativas e, em particular, de narrativas da experiência urbana nas grandes cidades, o que chamamos de narrativas urbanas”. (JACQUES, 2012, p. 197)

<sup>5</sup> Cf. WAN-DALL JUNIOR, 2013. O trabalho, defendido em 18 de novembro de 2013 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/FAUFBA), foi julgado aprovado com distinção pela Banca Examinada, composta pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paola Berenstein Jacques (orientadora) e pelos Profs. Drs. Pasqualino Romano Magnavita (PPG-AU/FAUFBA), Washington Luis Lima Drummond (PPG-AU/FAUFBA) e Frederico Guilherme Bandeira de Araujo (IPPUR/UFRJ).

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Jorge Amado (Itabuna, 1912 – Salvador, 2001) é um dos mais conhecidos escritores brasileiros e também o escritor brasileiro mais traduzido.

<sup>8</sup> Cf. visto na nota 2. Para uma resenha do referido Seminário, cf. RIZEK, 2013.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos-os-Santos: guia de ruas e mistérios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.



CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, v. 1.

\_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997, v. 5.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobre-vivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. Experiência errática. *Redobra*, Salvador, n. 9., p. 192-204, 2012.

\_\_\_\_\_. Experiências metodológicas para apreensão da cidade contemporânea: Sessão livre [XV ENANPUR]. *Redobra*, Salvador, n. 12, p. 12-15, 2013.

RIZEK, Cibele Saliba. Questões e interlocuções. Trabalho de campo: procedimentos de pesquisa estética e etnográfica. *Redobra*, Salvador, n. 12. p. 180-191, 2013.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo:

Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

WAN-DALL JUNIOR, Osnildo Adão. *Cenários noturnos: percepções do acaso na poética na noite*. 2010. TCC (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

\_\_\_\_\_. *Das narrativas literárias de cidades: experiência urbana através do Guia de ruas e mistérios da Bahia de Todos os Santos*. 2013. 247 f. il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, 2013.